

# A CONSTRUÇÃO INTERATIVA DOS SENTIDOS EM SITUAÇÃO DE RECEPÇÃO DE NARRATIVAS MIDIÁTICAS

Vívian Cristina Rio

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas  
(Unicamp), [vivian\\_rio@hotmail.com](mailto:vivian_rio@hotmail.com)

***Abstract:** The main objective of this article is to describe the interactive construct of the meanings and the change of footing that the university students experiments in a situation of media tales reception.*

***Keywords:** sociolinguistics; interaction; footing; reception; “Brava Gente” tv show.*

***Resumo:** O principal objetivo desse artigo é descrever a construção interativa dos sentidos e a mudança de footing em uma situação de recepção de narrativas midiáticas.*

***Palavras-chave:** sociolinguística; interação; footing; recepção; programa “Brava Gente”.*

## 1. Introdução

O interesse pela dimensão interacional da linguagem vem progressivamente construindo abordagens que consideram que esta dimensão tem um papel constitutivo na estruturação dos recursos lingüísticos mobilizados pelos falantes no curso das interações e na construção conjunta dos sentidos. Morato (2004), em seu artigo “O interacionismo no campo lingüístico”, afirma que a chamada Lingüística Interacional<sup>1</sup>

configura um conjunto de questões ligadas a todo o tipo de produção lingüística que é considerada material interativo: práticas, estratégias e operações languageiras, dinâmicas de trocas conversacionais, comunicação verbal e não-verbal, construção de valores culturais, atividades referenciais e inferenciais realizadas pelos falantes, normas pragmáticas que presidem a utilização da linguagem.

Ainda segundo Morato (2004), as abordagens interacionistas reabilitaram o empirismo descritivo e a identificação dos fatos tidos como relevantes para a análise da “realização interativa”. Além disso, no interior de tais abordagens, os elementos não verbais e o contexto situacional são responsáveis pela estruturação do fenômeno lingüístico, que não pode ser compreendido sem que se considere a relação de constitutividade entre os primeiros e este último. Sendo assim, para Morato (2004) houve uma significativa mudança nos estudos

lingüísticos a partir da construção do campo denominado “Linguística Interacional”, desde o material de análise até a forma de analisar a situação interativa entre os sujeitos participantes.

A principal indagação dos interacionistas é “o que está acontecendo aqui e agora?”, indicando, segundo Garcez & Ribeiro (1998), um foco, principalmente, nos momentos de interação face-a-face, que constituem cenários de construção do significado social e da experiência, interessantes tanto para os sociólogos quanto para os lingüistas. Segundo os autores, a organização do discurso e a interação social demonstram a complexidade inerente a qualquer tipo de encontro face-a-face, pois os participantes estão a todo momento introduzindo ou sustentando mensagens que organizam esse encontro social, “mensagens estas que orientam a conduta dos participantes e atribuem significado à atividade em desenvolvimento” (*op.cit.*:8).

Como postulam as teorias sociointeracionistas<sup>2</sup>, o falante atua com e sobre a linguagem para construir os significados sociais em uma inter-relação com os outros sujeitos e sob a influência de uma complexa rede de fatores, “entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções socioculturais” (Koch, 1997:7). Além disso, de acordo com Clark (1996), as pessoas usam a linguagem para agirem interativamente umas com as outras, compartilhando e coordenando juntas tal atividade: “elas agem como se apertassem as mãos ou fizessem um dueto em um piano: não podem atuar autonomamente”<sup>3</sup>.

Boa parte da estrutura conversacional, como postula Gumperz (1982, 1996), permanece em aberto e sujeita aos processos locais de ajuste e seleção de recursos dos falantes, pois os fatores macroestruturais nunca determinam completamente o uso interacional da língua:

As formas lingüísticas empregadas são elementos fundamentais do evento, no sentido de que qualquer violação das regras de seleção modifica a percepção do evento para os participantes. A pessoa que usa a língua padrão onde apenas a variedade dialetal vernácula é apropriada viola normas comumente aceitas. Tal ação pode pôr fim à conversa ou ocasionar outras sanções sociais. Uma coisa é certa: a escolha lingüística jamais é completamente determinada; as variáveis sociolingüísticas devem ser investigadas empiricamente. (Blom & Gumperz, 1972/1998: 46)

Na introdução da obra *Discourse strategies*, Gumperz (1982) afirma que busca desenvolver abordagens sociolingüísticas interpretativas de forma a dar conta dos diversos processos que ocorrem em tempo real durante encontros face-a-face. De acordo com Gumperz (1982), tanto a cognição quanto a linguagem são afetadas por forças sociais e culturais: a maneira como nos comportamos e nos expressamos em relação ao código lingüístico e em relação ao tipo de estruturação deste mesmo código encontra-se aberta a influências externas<sup>4</sup>. Estes postulados encontram-se embasados na assunção básica da antropologia social e cultural, a saber, a de que o sentido, a estrutura e o uso da linguagem são social e culturalmente relativos. A importância desta postulação pode ser percebida no foco primordial deste pesquisador não apenas na estrutura lingüística, mas também na forma como esta estrutura torna-se parte do repertório verbal<sup>5</sup> de grupos sociais no curso das interações.

Para Gumperz (1982), a diversidade lingüística é mais do que uma questão de comportamento: ela funciona como um recurso comunicativo nas interações verbais do dia-a-dia no sentido de que, em uma conversação, os interlocutores – para caracterizar eventos, inferir intenções e para apreender expectativas sobre o que poderá ocorrer em seguida – baseiam-se em conhecimentos e estereótipos relativos a diferentes maneiras de falar. Esse conjunto de informações internalizadas é crucial para a manutenção do envolvimento conversacional e para o uso eficaz de estratégias persuasivas.

Em uma situação social, de acordo com Goffman (1981/1998), cada participante porta sua biografia, construída por meio de interações passadas com outros participantes, além de vir com um grande conjunto de pressuposições culturais que presume serem partilhadas pelos sujeitos naquele momento interacional. Além disso, o referido autor introduziu o conceito de *footing* para representar o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante em relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Para o autor, os participantes mudam constantemente seus *footings* ao longo de suas falas, sendo estas mudanças uma característica inerente à fala natural.

As mudanças de *footing* referem-se, resumidamente, (i) ao alinhamento, postura ou projeção pessoal do participante, que, segundo o autor, pode ser mantida através de uma faixa de comportamento mais longa ou mais curta do que uma frase gramatical, o que significa que a gramática frasal não é de grande relevância para esse tipo de análise, pois estão implícitos segmentos prosódicos, não sintáticos; (ii) às mais evidentes mudanças de posicionamento e às mais sutis alterações de tom que o analista possa perceber; (iii) à alternância de código, comumente presente, e que pode ser observada pelos marcadores de som, como a altura, o ritmo, a acentuação e o timbre; e, por fim, (iv) à delimitação de uma fase ou episódio de nível “mais elevado” da interação, atribuindo ao novo *footing* um papel liminar, que separa dois episódios substancialmente sustentados.

Outra questão relevante levantada por Goffman (1998) é a importância da análise do cenário físico, no qual o falante executa seus gestos, e da ocasião social, por meio da qual se pode resgatar de forma adequada certos atributos sociais de um indivíduo diante de outros. Ou seja, é preciso olhar para a situação social, tão negligenciada em estudos sobre a interação. Para Blom e Gumperz (1998), dentro de um mesmo cenário, quando a definição que os participantes atribuem ao evento social muda, há pistas de que ocorreu essa mudança, dentre as quais, as pistas lingüísticas. Os autores exemplificam essa situação por meio de suas pesquisas, em que a aproximação de forasteiros – forma como eram denominados pelos residentes da cidade as pessoas “de fora” – de um grupo de residentes que conversavam, acarretou uma alteração considerável na postura descontraída do grupo: “as mãos foram retiradas dos bolsos e as expressões faciais mudaram” (*op.cit.*:46). Isso significa, para os autores, que o início da interação entre os dois grupos é marcada por uma mudança de código, que se revela por meio da alteração nas pistas do canal (a velocidade de enunciação das frases, ritmo, maior número de pausas e de hesitação) e pela mudança de uma variedade dialetal para a língua-padrão.

A mudança de código também pode ocorrer quando, segundo Goffman (1998), o falante relata o que alguém lhe disse ou o que sentiu em alguma situação ocorrida do passado. Assim, para o autor, o *status* de narrador tem considerável importância na conversação, pois a narração de histórias exige que o narrador encaixe nas suas elocuições as elocuições dos personagens da

história, retirando-se do alinhamento que manteria na troca comum da conversação. De acordo com o autor, nesse período de narração, o falante mantém um outro *footing*.

As postulações das perspectivas acima esboçadas sobre a alternância de códigos e sobre o constante realinhamento dos sujeitos em interações face-a face (considerando principalmente as mudanças de posturas do “eu” participante em relação ao outro, em relação a si próprio e ao discurso em construção) são fundamentais para analisar a construção interativa dos sentidos em situação de recepção de narrativas midiáticas. Nesse artigo, nos centraremos nas análises iniciais de alguns dados do corpus já constituído ao longo da pesquisa de Iniciação Científica de Rio (2004), por meio dos quais observaremos e analisaremos as mudanças de *footing* aperadas pelos sujeitos ao longo da interação, além de identificarmos e analisarmos as funções e a forma como acontecem a alternância de variedades e/ou códigos produzidas pelos diferentes sujeitos, compreendendo esses fenômenos como intrinsecamente relacionados à dinâmica interacional e às ações interpretativas dos sujeitos da pesquisa.

## 2. Sobre a pesquisa

Para que seja possível compreender como delimitamos os objetivos da pesquisa, que está em seu início, se faz necessário abordar brevemente nossa pesquisa anterior<sup>6</sup>, desenvolvida no período de julho de 2003 a novembro de 2004 e que se dividiu em duas etapas: a primeira, que durou um ano, tinha o objetivo de descrever a *competência metagenérica* (Bentes, Koch & Nogueira, 2003, Koch, 2004) dos sujeitos sobre o programa “Brava Gente”<sup>7</sup>; a segunda etapa teve como principal objetivo descrever as maneiras pelas quais os sujeitos se reconhecem e se envolvem com as narrativas midiáticas. Em função dos episódios escolhidos e a partir das observações dos sujeitos sobre as personagens e sobre a estória, também discutimos, no relatório final, (i) as atividades de categorização dos sujeitos em relação às personagens da narrativa assistida e (ii) as relações intertextuais estabelecidas pelos sujeitos entre a narrativa assistida e outros gêneros narrativos (tais como filmes, telenovelas, seriados e desenhos animados).

A perspectiva teórica no campo dos estudos da comunicação (Martin-Barbero, 2003; Thompson, 1998) adotada para o desenvolvimento da pesquisa pressupõe que a recepção dos produtos midiáticos não ocorre de maneira passiva, pois os sujeitos receptores realizam uma atividade significativa sobre a mensagem, apropriando-se dela de acordo com as redes sociais às quais pertencem e as suas experiências pessoais. Em outras palavras, uma mesma cena pode ser ressignificada de diversas formas, o que leva os sujeitos a produzirem uma intensa e contínua negociação e ressignificação dos referentes de forma a chegarem a um acordo sobre os objetos de discurso construídos na/pela interação.

No campo da sociolinguística, a perspectiva teórica assumida pressupõe um olhar para a “comunidade de prática” (CofP), conceito este desenvolvido pelas lingüistas Lave & Wenger e introduzido na pesquisa de linguagem e gênero. Como definem Lave & Wenger (1991), uma comunidade de prática é uma comunidade de pessoas engajadas em um esforço comum através de um entendimento mútuo e que “vem para desenvolver e compartilhar meios de fazer coisas,

modos de falar, crenças, valores – em resumo, práticas” (Eckert, 1996:183 *apud* Freed, 1999:258). De acordo com Freed (1999), o conceito comunidade de prática tem grande valor para a pesquisa em linguagem e gênero, pois estimula os investigadores a focalizar as práticas locais e as atividades concretas nas quais os grupos de pessoas estão mutuamente engajados e, por isso, esse modelo evita que os pesquisadores caracterizem os indivíduos *a priori*, além de preveni-los de generalizações sobre as categorias sociais como sexo, classe e gênero. Além disso, segundo Lave & Wenger (1992), como uma construção social, a comunidade de prática é diferente da comunidade tradicional, antes de mais nada, porque é definida simultaneamente pelos seus membros e pela prática desses sujeitos.

No atual estágio da pesquisa, a situação de recepção de narrativas midiáticas constitui-se em um recurso metodológico importante para que possamos melhor descrever e analisar a construção interativa dos sentidos produzidos nas/pelas narrativas midiáticas<sup>8</sup>. Assim, estamos de acordo com Eckert (1996 *apud* Holmes & Meyehoff, 1999) quando afirma que o desafio de uma teoria de prática lingüística é localizar o sujeito falante dentro de uma unidade social em que o significado está ativamente sendo construído, além de investigar a relação entre a construção do significado nessa unidade e na estrutura social mais ampla com a qual está engajada.

### 3. Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa segue, basicamente, o modelo proposto e aplicado na coleta de dados de interação para a pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida por Rio, no período de julho de 2003 a dezembro de 2004, financiada pela FAPESP. Esta metodologia está pautada pelo que Philips (1976/1998) propõe como uma das fontes de dados para a pesquisa em sociolingüística: estruturas interacionais formalizadas de cunho experimental, cujos sujeitos provêm fundamentalmente de populações universitárias. Uma das formas de produzir estas estruturas interacionais formalizadas é utilizar-se do que Schiffrin (1994) denomina *entrevista sociolingüística*. Para a autora, as *entrevistas sociolingüísticas* constituem-se em formas correntes de comunicação<sup>9</sup>, em que o entrevistador pretende obter uma variedade de estilos de fala, encorajando seus sujeitos de pesquisa a falar sobre tópicos de uma agenda pré-determinada, mas aberta à situação interacional dada. Portanto, ainda de acordo com Schiffrin (*op.cit.*), uma entrevista sociolingüística não segue um formato serial de perguntas pré-determinadas, mas utiliza o formato chamado “stepwise”, no qual a próxima questão é baseada no tópico iniciado por meio de uma resposta de um sujeito da pesquisa. Dessa maneira, há uma grande variedade de trocas de seqüência de pergunta e resposta, além de permitir um diferente número de gêneros, como estórias, descrições e argumentos. Neste sentido, a autora define a entrevista não como um gênero, mas um evento de fala híbrido.

Um outro recurso para que possamos produzir encontros sociais no interior dos quais tanto as interações entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa como as interações entre os sujeitos da pesquisa sejam o mais natural possível é tematizar os produtos midiáticos porque

segundo Pais (2001), estes não são meros documentos passivos, mas servem de pretexto para acontecimentos cotidianos. Para nosso interesse específico, as fontes áudio-visuais constituem-se em um objeto sobre o qual os sujeitos sentem-se à vontade para falar, produzindo assim, segundo Schiffrin (1994) um bom número de gêneros, como estórias, descrições e argumentos veiculados por meio de diferentes códigos comunicativos e estilos de fala. Além disso, acreditamos que o fato de procurarmos reproduzir experimentalmente a situação de recepção de uma narrativa midiática favorece a interação entre os sujeitos da pesquisa. Segundo Ricoeur (1995, *apud* Bentes da Silva, 2000), os gêneros representativos do mundo narrado, como o conto, a lenda, a novela, entre outros, são marcados pela distensão. Como afirma Bentes da Silva (2000:95), são os tempos do passado que transmitem um sinal do locutor ao ouvinte de que o gênero pertence ao mundo narrado, “mas não porque a narrativa exprime fundamentalmente eventos passados, reais ou fictícios, mas porque esses tempos orientam para uma atitude de distensão”<sup>10</sup>.

Os sujeitos pesquisados que forneceram o material para essa reflexão são estudantes universitários (em sua maioria, da Unicamp), com idade entre 18 e 25 anos, que possuem uma renda familiar acima de três mil reais. De acordo com Martin-Barbero (2003), os sujeitos dessa faixa etária possuem uma visualidade eletrônica diferenciada em relação às gerações anteriores, visto que nasceram e cresceram assistindo aos produtos televisivos; além disso, eles têm acesso a diversas fontes de informação e de diversão, o que contribui para um incremento no conhecimento destes sujeitos sobre diferentes gêneros midiáticos.

Para agrupar os informantes para a segunda fase da pesquisa, o conceito de “comunidade de prática” nos auxiliou a focalizar as ações desenvolvidas cotidianamente pelos sujeitos e seus processos interpretativos. Assim, os sujeitos foram agrupados de acordo com o que foi detectado como sendo “uma prática semelhante diante da/ com a televisão”. Além disso, esses sujeitos se dispuseram a reproduzir, em alguma medida, suas práticas diante da e com a televisão em um contexto de pesquisa.

Para observar a recepção do programa “Brava gente” por estes sujeitos, elaboramos um protocolo de pesquisa<sup>11</sup>, que consistiu na exibição de um episódio do referido programa para dois grupos, um constituído por quatro sujeitos e outro por três, exibição esta seguida de uma interação do tipo entrevista semi-monitorada, organizada de forma a permitir a manifestação dos sujeitos sobre uma variedade de tópicos (relacionados mais direta ou indiretamente aos tópicos propostos pelas perguntas previamente elaboradas), apesar da contínua monitoração e mediação da pesquisadora. Os dados foram gravados em áudio e vídeo. Os encontros tiveram a duração média de duas horas com cada grupo a cada fase da pesquisa.

A aplicação do protocolo duas vezes (uma vez na primeira fase e outra na segunda) nos permitiu observar que, de uma maneira geral, a segunda interação foi mais descontraída: os sujeitos interagiram de forma a um complementar o outro em relação ao que havia sido dito, propuseram outros tópicos que julgaram relevantes; em outras palavras, os sujeitos, de uma forma geral, entraram, nesta segunda fase da pesquisa, engajados na discussão dos tópicos levantados.

A pesquisadora esteve presente a todos os encontros e procurou observar as recomendações de Schiffrin (1994) e Holmes (2001), encorajando os sujeitos de pesquisa a

produzir relatos e comentários relativos a uma agenda pré-determinada e produzindo mudanças estratégicas quando necessário. Agindo dessa forma, pudemos coletar dados que se aproximam muito de dados conversacionais, pois os sujeitos falam de maneira informal, propõem tópicos que julgam relevantes à discussão, sobrepõem suas falas, constroem conjuntamente e colaborativamente os referentes do discurso.

A constituição dos grupos e as principais informações sobre o comportamento verbal dos sujeitos durante dois momentos distintos (exibição do episódio e recontagem do episódio) encontram-se sucintamente descritos nos quadros abaixo:

### Grupo 1

	SEXO/ IDADE	COMPORTAMENTO DURANTE A EXIBIÇÃO DO EPISÓDIO	COMPORTAMENTO DURANTE A RECONTAGEM DO EPISÓDIO
AL	M/ 22	Observador; faz poucos comentários	Fala pouco, devido às poucas chances de interromper o turno das moças
GL	F/ 24	Faz muitos comentários com as outras pessoas e tenta adivinhar a seqüência da cena	Fala muito, tomando o turno em grande parte da interação, problematizando o tópico proposto ou as respostas dadas por MA
MA	F/21	Faz muitos comentários com as outras pessoas	Fala muito, tomando o turno em grande parte da interação, propondo os tópicos e dando as respostas
TH	F/19	Faz muitos comentários com as outras pessoas	Fala menos que MA e GL, pois não conseguia tomar e/ou manter o turno por ter a voz mais baixa que as outras duas garotas. Suas falas problematizam os tópicos e as respostas de MA

### Grupo 2

	SEXO/ IDADE	COMPORTAMENTO DURANTE A EXIBIÇÃO DO EPISÓDIO	COMPORTAMENTO DURANTE A RECONTAGEM DO EPISÓDIO
LU	M/24	Ri, faz alguns comentários em voz baixa e observa os comentários das outras pessoas.	Fala baixo e pouco. Possui uma voz baixa, o que dificulta a tomada e a manutenção do tópico. Sua atitude é de aceitação dos tópicos e das respostas fornecidos por MT.
MS	M/27	Observador, ri e faz poucos comentários	Fala bastante, complementando e/ou problematizando os tópicos e as respostas fornecidas por MT.
MT	F/25	Observadora, ri e pouco comenta. Não gosta de pessoas que fazem comentários.	Fala bastante, propondo tópicos, dando as respostas e trazendo muitas experiências com outras narrativas.

Os quadros acima mostram que a maioria dos sujeitos, durante a exibição do episódio, faz comentários sobre o que está acontecendo na estória, ora para si mesmo, ora para os outros. Apesar de estas práticas não serem objeto de análise neste artigo, acreditamos ser importante

mostrar a maneira como os sujeitos se comportaram durante a exibição do episódio, reproduzindo, pelo menos parcialmente, as atitudes que têm cotidianamente diante da televisão.

O quadro sobre o grupo 1 mostra que este grupo é composto por um rapaz e três moças, sendo que estas últimas se conhecem previamente e convivem entre si em diversos locais de trabalho ou lazer. Esta maior proximidade entre elas tem uma repercussão na maneira como interagem verbalmente. Este é o grupo mais falante. Fazem muitos comentários durante a exibição e, enquanto recontam a estória, produzem comentários não diretamente ligados à estória que está sendo recontada. Chamamos a atenção para este aspecto porque as digressões feitas pelo grupo enquanto recontam a estória são muito freqüentes e marcam uma diferença em relação ao grupo 2 na forma de recontar a estória e no tipo de interação que se estabelece no grupo. A forma de interagir do grupo 1 caracteriza-se, então, por uma maior proximidade entre os falantes, o que leva a (i) um intenso processo de negociação dos sentidos construídos para a estória, (ii) uma recontagem mais fragmentada e mais longa, principalmente quando comparada a recontagem da estória feita pelo grupo 2.

O quadro sobre o grupo 2 mostra que este é constituído por dois rapazes e uma moça. Eles se conhecem superficialmente. Não convivem entre si na universidade ou em outros locais de trabalho ou lazer. Após a exibição do episódio, em função do tipo de alinhamento que se fazia necessário (dado que os membros desse grupo conheciam-se superficialmente), o início da recontagem da história funcionou como um momento de reconhecimento mútuo e de distribuição dos papéis que cada um deveria desempenhar ao longo do evento. Veremos mais adiante que houve momentos de silêncio, em que um esperava que o outro continuasse a história. A estória foi recontada por eles de uma maneira que parece ser mais objetiva (quando comparada ao grupo 1), em um tempo mais curto e sem as digressões presentes ao longo do ato de recontar performatizado pelo grupo 1.

#### 4. Análises

Para os interesses desse artigo, analisaremos o dado de interação abaixo, retirado do *corpus* construído para a pesquisa de Iniciação Científica (cf. Rio, 2004a,2004b).

##### *Exemplo 1*

- 1 TH: *mas eu achei legal o jeito da mulher... porque ela é gorda... ela é rica... ela*
- 2 *sabe que ela não vai arrumar outro cara e...*
- 3 GL: *e [daí...]*
- 4 TH: *[e mesmo assim ela ela ela chuta ele no começo... tudo bem que depois ela*
- 5 *vai atrás...]*
- 6 GL: *ela se faz de difícil né?*
- 7 TH: *mas ela dá uma chutada nele...*
- 8 GL: *é... dessa parte eu não tinha/ eu não tinha pensado*
- 9 TH: *e mesmo quando ela pega e fala "ah vai dormir aí"... que é aquela coisa Ó...*

- 10 GL: *é... “cala boca... quem manda sou eu”...*  
11 TH: *é... “agora você se ferrou... você vai se ferrar mais”*

O dado acima insere-se em uma interação de aproximadamente duas horas entre um grupo de quatro jovens estudantes universitários após a exibição de um episódio do programa “Brava Gente”. O grupo é constituído por três mulheres (GL, MA e TH) e um homem (AL); AL cursa graduação em Geologia, TH em Geografia e GL e MA em Linguística, todos na Unicamp.

Como é possível observar, os sujeitos realizam um trabalho de construção conjunta da imagem de uma determinada personagem da narrativa. Podemos notar que, da linha 1 a linha 6, TH produz um comentário sobre a personagem, justificando a sua motivação por lhe ter simpatia e GL faz uma fala que parafraseia e resume o comentário de TH, o que nos leva a perceber que a fala de GL tem o objetivo de ir ao encontro do que TH disse anteriormente.

Apesar disso, como nas interações face-a-face cotidianas, ocorre uma disputa não só de turno entre TH e GL mas também uma disputa em torno da apresentação da visão de cada um dos sujeitos sobre a personagem em foco: TH é interrompida por GL, que tenta dar continuidade aos comentários feitos por TH, apresentando então sua visão sobre a personagem, (“*e daí...*”) sem sucesso, pois TH sobrepõe sua fala à de GL, repetindo diversas vezes o pronome pessoal *ela* em uma tentativa de ocupar e manter o turno.

Na linha 7, observamos que GL, a partir dos comentários de TH sobre certas ações da personagem em foco, reelabora a sua visão sobre estas ações, mostrando que muitos dos sentidos produzidos nas e pelas narrativas são construídos localmente, na interação.

A partir da linha 8, observamos que os dois sujeitos da pesquisa passam a colocar em foco as falas da personagem. Em outras palavras, segundo Goffman (1979/1998:93), “a narração de histórias exige claramente que o narrador encaixe nas suas elocuições as elocuições e ações dos personagens da história”. É justamente o que acontece neste momento da interação entre TH e GL, quando re-interpretam as elocuições da personagem em questão: a partir da reiteração da fala da personagem (“*ah vai dormir*”), que é re-apropriada e re-interpretada, TH e GL elaboram outras falas (“*cala boca... quem manda sou eu*” e “*agora você se ferrou... você vai se ferrar mais*”) que julgam adequadas ao perfil da personagem. Assim, ainda de acordo com Goffman (*op.cit.*), durante a narração, o falante se retira do alinhamento que manteria na troca comum da conversação, mantendo um outro *footing*.

Bentes & Rio (2005), com o objetivo de analisar de que forma os sujeitos em uma situação de recepção de narrativas midiáticas constroem conjuntamente a referência, analisam o dado abaixo:

### **Exemplo 2**

- 1 TH: *e a mina... que ela é SUper piranha*  
2 AL: *é... vadiazinha... super vadia ...é verdade ((TH ri))*

- 3        *GL: é... isso que eu ia falar...do...assim...a moça... a cúmplice do cara é*  
4        *loira...bonita...*  
5        *MA: o estereótipo*  
6        *AL: o estereótipo da burra... tá na cara que vai dar o golpe*

As autoras afirmam que os sujeitos da pesquisa reconstróem os elementos que constituem a narrativa com base nas âncoras apresentadas na/pela linguagem audiovisual e também nos valores e crenças partilhados localmente entre os parceiros da interação. Assim, nesse grupo, todos concordam que Gigi é “uma vadia”, “uma vadiazinha”, que ela é “superpiranha”, é “supervadia”. Pelo menos, nenhum reparo foi feito em relação à forma como Gigi é qualificada. No entanto, logo em seguida, ao tomar o turno de fala, GL identifica a personagem como “a moça”, para, em seguida, designá-la como “a cúmplice do cara”. Esta recategorização operada por GL se não se constitui em uma discordância explícita em relação às qualificações produzidas sobre Gigi; revela um distanciamento deste sujeito tanto em relação aos conteúdos veiculados quanto em relação ao estilo de fala empregado pelos outros parceiros da interação.

Para os interesses de nossa pesquisa, o dado de interação acima mostra que GL, ao escolher uma outra expressão para categorizar a personagem, está promovendo uma mudança de *footing*, ou seja, uma mudança em seu posicionamento, que evita alinhar-se com as posições dos outros participantes da interação em relação à personagem.

## 5. Algumas considerações iniciais

Acreditamos que um estudo sobre a mudança de *footing* operada pelos jovens em interações que possuem como mote as narrativas midiáticas tem grande importância para a área da sociolinguística interacional/interpretativa e da comunicação social, as alternâncias de códigos e as mudanças de *footing* operadas em uma situação na qual são instados a recontar e comentar uma narrativa midiática que lhes foi previamente exibida, pode mostrar como a recepção desse gênero narrativo é uma prática social que fornece pistas para a compreensão da maneira como os diferentes agentes sociais negociam e constróem sentidos para os gêneros narrativos midiáticos.

## 6. Bibliografia

BENTES, A.C., KOCH, I.V. & NOGUEIRA, C.M. Gênero, mídia e recepção: sobre as narrativas televisivas e seus espectadores. In *Caderno de Estudos Lingüísticos*, n.o 44, Jan/Jul 2003, p.265-282.

BENTES, A.C. & RIO, V.C. A construção conjunta da referência em uma entrevista semi-monitorada com jovens universitários. In: BENTES, A.C., KOCH, I.V. & MORATO, E.M. (orgs.) *Referenciação e discurso* São Paulo: Contexto (2005).

BENTES DA SILVA, A.C. *A arte de narrar: da constituição das histórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense*. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Tese do Doutorado, 2001.

BLOM, J-P. & GUMPERZ, J.J. O significado social na estrutura lingüística: Alternância de códigos na Noruega. In RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. (Originalmente publicado em *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*, 1972).

CLARK, H.H. Communities, commonalities, and communication. In GUMPERZ, J.J. *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ERICKSON, F. E SHULTZ, J. “O quando” de um contexto: Questões e métodos na análise da competência social. In RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. (Originalmente publicado em *Ethnography and language*, 1981)

GOFFMAN, E. Footing. In RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. (Originalmente publicado em *Semiótica*, 25:1-29, 1979).

GUMPERZ, J.J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

KOCH, I.V. e CUNHA-LIMA, M.L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In BENTES, A.C. e MUSSALIM, F. (org.) *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1993.

MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às medições: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_.& GREY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo lingüístico. In BENTES, A.C. e MUSSALIM, F. (org.) *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIS, J.M. *Vida cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PROJETO NURC. [www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/historico.htm](http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/historico.htm)

RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (org.) *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

RIO, V.C. Processos de recepção de narrativas midiáticas: um estudo sociolingüístico do programa “Brava Gente”. Relatórios parcial, de renovação e final de pesquisa, 2004.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackwell Publishers Inc.:1994

SIGNORINI, I. Por uma teoria da desregulamentação lingüística. In BAGNO, M. (org.) *Lingüística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

---

<sup>1</sup> O artigo de Morato refere-se à essa expressão a partir do título do trabalho de Lorenza Mondada (2001), publicado na revista *Discurso y Sociedad* intitulado “Por uma linguística interacional”.

<sup>2</sup> Uma apresentação geral sobre as diferentes teorias lingüísticas que se reivindicam interacionistas pode ser encontrada em Morato (2004). Uma outra apresentação geral de um campo específico reconhecido internacionalmente como sociolingüística interacional é feita por Shiffrin (1994).

<sup>3</sup> Todos os textos traduzidos ao longo deste projeto são de nossa responsabilidade. “They are like shaking hands or playing a piano duet: they cannot be accomplished by the participants acting autonomously” (Clark, 1996:325)

<sup>4</sup> “Cognition and language, then, are affected by social and cultural forces: the way we behave and express ourselves in relation to a linguistic code and the underlying categories of the code itself are opened to external influence” (Gumperz, 1982:4).

<sup>5</sup> Gumperz (1982/1998:33) define o repertório verbal como “a totalidade de recursos lingüísticos de que cada falante pode lançar mão em interações sociais relevantes.”

<sup>6</sup> Os dados utilizados nas análises foram coletados ao longo de um ano e meio de desenvolvimento da pesquisa de Iniciação Científica realizada pela aluna Vivian Cristina Rio no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. A pesquisa, intitulada “Processos de recepção de narrativas midiáticas: um estudos sociolingüístico do programa “Brava Gente”, foi financiada pela Fapesp e orientada pela Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva. (Processo n°. 02/13046-4) .

<sup>7</sup> O programa “Brava Gente”, exibido às terças-feiras na Rede Globo, adaptou contos da literatura nacional, adaptações estas assinadas por diferentes roteiristas e diretores, com um elenco variado, produzido pelo Núcleo Guel Arraes. A escolha desse programa para o presente estudo se deve ao seu formato híbrido: diferentemente do seriado, não há personagens fixos e cada episódio conta uma história completa (concisa e com poucos personagens); apesar desse formato unitário, ele é exibido semanalmente e a relação entre os vários episódios (cada um com enfoques, temáticas e personagens diferentes) ocorre em função da abordagem recorrente: tipos e situações marcadamente brasileiros, que caracterizam o imaginário popular e que são reforçados pelo nome dado ao programa.

<sup>8</sup> Um primeiro resultado da reflexão sobre esta questão pode ser visto no artigo de Bentes e Rio (2005) intitulado “A construção conjunta da referência em uma entrevista semi-monitorada com jovens universitários”, a ser publicado no livro *Referenciação e discurso*, organizado por Ingedore Koch, Edwiges Morato e Anna Christina Bentes, a sair pela Editora Contexto.

<sup>9</sup> Para Cameron (1992 *apud* Schiffrin, 1994:160), a interação entre pesquisador e o sujeito da pesquisa não produz nem formas anômalas de comunicação características da situação de pesquisa nem formas enganosas em relação à natureza da “realidade”. Ao contrário, tal interação instancia formas correntes de comunicação.

<sup>10</sup> Essa atitude de distensão causada pela utilização de uma narrativa como mote para a interação entre os sujeitos difere de métodos em que o investigador propõe um assunto sobre o qual os sujeitos têm que conversar, como ocorreu no projeto NURC. Nele, as entrevistas baseavam-se em cinco grandes áreas divididas em vinte temas distribuídos por afinidade. A área 1 abrange corpo humano, alimentação e vestuário; a área 2 expõe o homem social: família, casa, igreja, ensino; a área 3 amplia o social para cidade, comércio, transportes, meios e arte; a área 4 aponta para profissões, dinheiro, sindicatos e, por fim, a área 5 traz as relações do homem com o espaço - terreno, vegetação -, com o tempo e com animais e rebanhos. Como são assuntos polêmicos e ligados ao cotidiano das pessoas, a descontração dos sujeitos é menor, pois fica mais clara a situação de argumentação em favor de sua posição sobre o assunto proposto.

<sup>11</sup> Apesar da perspectiva teórica adotada privilegiar a observação da recepção dos informantes em seu cotidiano e em seu ambiente mais natural de recepção - sua casa - utilizamos um local desconhecido para os sujeitos, o Laboratório de Neurolingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, para gravar a entrevista, pois o programa “Brava Gente” já não estava mais sendo veiculado pela Rede Globo.